



REVITALIZA GEO: POTENCIALIDADES DA SALA TEMÁTICA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

REVITALIZA GEO: POTENTIALITIES OF THE THEMATIC ROOM FOR THE TEACHING OF GEOGRAPHY

REVITALIZA GEO: POTENCIALIDADES DE LA SALA TEMÁTICA PARA LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA

Alexandra Luize Spironello

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia, Pelotas, Brasil, spironelloalexandra@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4041-9803>.

Amanda Garcia Lima

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia, Pelotas, Brasil, amandaglima08@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7416-5129>.

Thais Santos Gauterio

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia, Pelotas, Brasil, thaissantoss730@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8057-1628>.

Vinicius Albuquerque de Lima

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Graduando do curso de Licenciatura em Geografia, Pelotas, Brasil, viniciusalbuquerquealima@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8679-5727>.

Keli Siqueira Ruas

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Doutorado em Geografia, Docente substituta do Departamento de Geografia e Docente do Ensino Fundamental II na Secretaria Municipal de Educação do Capão do Leão, Pelotas, Brasil, keliruas713@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3272-0096>.

Rosangela Lurdes Spironello

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pós-Doutorado em Geografia, Docente do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Pelotas, Brasil, spironello@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9272-2040>.

RESUMO

O artigo apresenta os estágios de revitalização de um espaço desativado que foi transformado em sala temática de Geografia, no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (IEEAB), Pelotas-RS. Essa ação se insere no projeto de extensão, denominado “Revitaliza-Geo”, do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Os autores sentiram necessidade de um espaço de aprendizado temático para apoiar o ensino de maneira imersiva e contextualizada, equipado com recursos visuais, materiais didáticos e ferramentas interativas que facilitam a compreensão dos temas geográficos. Fundamentados pelo referencial teórico que sustenta a proposta, os extensionistas organizam o projeto com encontros presenciais e remotos, conforme as demandas no espaço destinado e na elaboração de materiais didáticos. As ações desenvolvidas durante o projeto vão além da organização dos materiais e espaço físico, ao buscar a valorização dos recursos didáticos e a melhoria da infraestrutura pedagógica da escola. Desse modo, pretende-se tornar a Geografia uma disciplina que concretize os conceitos estudados por meio da vivência dos alunos em abordagens pedagógicas significativas, desenvolvendo-se uma formação docente que promova um processo de ensino-aprendizagem expressivo, mediante a criação de espaços de discussões que estimulem outros indivíduos a adotar novas práticas para repensar e ressignificar à docência.

Palavras-chave: Projeto de Extensão; Infraestrutura Escolar; Geografia Escolar; Revitalização de Espaços Escolares; Prática Docente.

ABSTRACT

The article presents the stages of revitalization of an unused space that was transformed into a thematic Geography classroom at the Assis Brasil State Institute of Education (IEEAB), in Pelotas, RS. This initiative is part of the extension project called “Revitaliza-Geo,” developed by the Geography Degree Program at the Federal University of Pelotas (UFPel). The authors identified the need for a thematic learning environment to support immersive and contextualized teaching, equipped with visual resources, didactic materials, and interactive tools that facilitate the understanding of geographic topics. Grounded in the theoretical framework that underpins the proposal, the extension team organizes the project through both in-person and remote meetings, based on the demands of the designated space and the preparation of didactic materials. The actions carried out during the project go beyond organizing materials and physical space, aiming also to value didactic resources and improve the school’s pedagogical infrastructure. Thus, the objective is to make Geography a subject that materializes the studied concepts through student experiences in meaningful pedagogical approaches, fostering teacher training that promotes an expressive teaching-learning process by creating discussion spaces that encourage others to adopt new practices to rethink and reframe teaching.

Keywords: Extension Project; School Infrastructure; School Geography; Revitalization of School Spaces; Teaching Practice.

RESUMEN

El artículo presenta las etapas de revitalización de un espacio desactivado que fue transformado en una sala temática de Geografía, en el Instituto Estatal de Educación de Assis Brasil (IEEAB), Pelotas-RS. Esta acción forma parte del proyecto de extensión, denominado "Revitaliza-Geo", de la Licenciatura en Geografía de la Universidad Federal de Pelotas (UFPel). Los autores sintieron la necesidad de un espacio temático de aprendizaje para apoyar la enseñanza de forma inmersiva y contextualizada, dotado de recursos visuales, materiales didácticos y herramientas interactivas que faciliten la comprensión de los temas geográficos. A partir del marco teórico que sustenta la propuesta, los extensionistas organizan el

proyecto con reuniones presenciales y a distancia, de acuerdo con las demandas en el espacio designado y en la elaboración de materiales didácticos. Las acciones desarrolladas durante el proyecto van más allá de la organización de los materiales y el espacio físico, buscando poner en valor los recursos didácticos y mejorar la infraestructura pedagógica de la escuela. De esta manera, se pretende hacer de la Geografía una disciplina que materialice los conceptos estudiados a través de la experiencia de los estudiantes en enfoques pedagógicos significativos, desarrollando una formación docente que promueva un proceso de enseñanza-aprendizaje expresivo, a través de la creación de espacios de discusión que incentiven a otros individuos a adoptar nuevas prácticas para repensar y resignificar la enseñanza.

Palabras clave: Proyecto de Extensión; Infraestructura Escolar; Geografía Escolar; Revitalización de Espacios Escolares; Práctica Docente.

1 - Introdução

Em linhas gerais, a infraestrutura escolar pode ser compreendida como “[...] um sistema de elementos estruturais, inter-relacionados, que inclui as instalações, os equipamentos e os serviços necessários para garantir o funcionamento da escola e impulsionar a aprendizagem do aluno” (Garcia, 2014, p. 155). Nesse viés, reconhecemos neste texto a importância e a influência que a infraestrutura escolar exerce tanto sobre a aprendizagem dos sujeitos, como na prática pedagógica do professor de Geografia, interferindo no planejamento, na disponibilidade de materiais didáticos e nas condições básicas para o exercício da docência.

Mobilizados por essas questões e pela preocupação em dispor de um ambiente adequado, que incentive os processos de construção do conhecimento geográfico, o presente artigo busca evidenciar as ações do projeto de extensão “Revitalização dos espaços das escolas de educação básica de Pelotas: o olhar da geografia para o exercício da cidadania” (Código COCEPE nº7784), no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil- IEEAB, localizado na cidade de Pelotas-RS.

O projeto de extensão, carinhosamente chamado pelos seus integrantes de “Revitaliza-Geo”, foi criado em fevereiro de 2024, no departamento de Geografia da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI). Tem como o objetivo promover o engajamento dos futuros professores - discentes do curso de Licenciatura em Geografia da UFPeI - com o espaço escolar, por meio de ações práticas no chão das escolas públicas de Pelotas. A proposta conta com a possibilidade de revitalização de espaços como laboratórios, bibliotecas, salas temáticas a fim de elaborarem-se materiais didático-pedagógicos para subsídio à prática docente, a partir de temáticas da

Geografia. As atividades realizadas pelo projeto vão ao encontro da necessidade de qualificar os espaços escolares, contribuindo também para: a inserção dos discentes nas instituições de ensino; a consolidação da extensão como atividade universitária; o fortalecimento da relação universidade e escola; e o desenvolvimento profissional (formação continuada) dos professores atuantes na educação básica.

Para compreender o contexto da proposta, torna-se imprescindível conhecer o pano de fundo do presente trabalho. O IEEAB é uma escola pública, localizada na área central de Pelotas, mantida sob a gestão da 5ª. Coordenadoria Regional de Educação do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. A escola foi fundada em 1929 e é reconhecida pela sua trajetória rica e relevante na história da educação de Pelotas, pois acompanhou, ao longo do tempo, as transformações sociais e educacionais, bem como o desenvolvimento da cidade. A instituição se destaca por sua tradição acadêmica, com foco e objetivo de oportunizar situações de aprendizagem, atendendo às modalidades de Ensino Fundamental e Médio, Educação de Jovens e Adultos (Ensino Médio), Educação Bilíngue para Surdos e Curso Técnico Normal. No decorrer dos anos, o IEEAB se consagrou como uma escola de referência para a formação de alunos e professores na região sul do estado.

No entanto, nas últimas décadas, observa-se que a escola vem passando por um constante declínio, seja por conta da falta de verbas para os reparos na infraestrutura, bastante danificada pela ação do tempo - a exemplo de salas que se tornaram inviáveis para uso devido às infiltrações, goteiras, mofo, problemas de rede elétrica, falta de acessibilidade, seja pela incompletude no quadro de servidores da escola.

Em atividades já desenvolvidas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID/edital 22/24 e pela disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental e Médio, constatou-se que os fatores acima mencionados têm dificultado todo o processo de ensino-aprendizagem, tanto de quem ensina como o de quem está disposto a aprender. Também foi observado, em trabalho de autoria de Lima, Spironello e Spironello (2023), que a infraestrutura escolar influencia a forma como esses estudantes concebem o espaço escolar, resultando em espaços onde não se sentem pertencentes a ele, a exemplo da sala de aula.

Como forma de minimizar esses empecilhos que atravessam o fazer docente, o grupo de extensionistas atuantes no IEEAB sugeriu a revitalização de um antigo laboratório de informática, que estava sem uso na escola, transformando-o em uma sala temática para o

componente curricular de Geografia. Assim, concordamos com Silva (2019), quando afirma que a sala temática tem a função de aproximar afetivamente os professores e estudantes, além de ser o meio para o reconhecimento, sensação de pertencimento e valorização da escola como um lugar identitário de produção de conhecimento. Isso nos chama a atenção para o conceito de lugar e, atrelando-o à Geografia, compreendemos que a sala temática assume o papel de ser um lugar para a prática docente contextualizada e significativa, onde estudantes se sintam pertencentes e convidados a pensar geograficamente.

Com base nessa contextualização, tecemos algumas seções, partindo da abordagem metodológica adotada para a compreensão da proposta aqui apresentada. Na sequência, trataremos de temas que se interconectam nessa trama, desde a infraestrutura escolar, até a importância das salas temáticas como espaços lúdicos que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem em Geografia. Por fim, em diálogo com a construção teórica, iremos apresentar as principais ações do projeto de extensão realizado no IEEAB, destacando algumas potencialidades e ampliando o debate sobre a pertinência desses espaços no ambiente escolar.

2 – Revitaliza Geo: tessituras metodológicas

Para atender aos objetivos inseridos na proposta do projeto de extensão “Revitaliza-Geo”, inicialmente foi necessário realizar uma revisão bibliográfica sobre os seguintes temas: a) infraestrutura escolar; b) geografia escolar; c) sala de aula temática; d) ensino e aprendizagem em Geografia. Tais temas trouxeram subsídios para dialogarmos de forma efetiva entre os docentes, tratando sobre o papel da escola e a construção do conhecimento geográfico.

O projeto prevê a inserção dos acadêmicos no ambiente escolar a partir de ações de extensão, pensando em revitalizar e organizar os espaços de escolas públicas de educação básica, no município de Pelotas – RS, com foco em promover condições físicas e ambientais adequadas para que estudantes, professores e demais servidores se sintam parte desse espaço de aprendizagem. Sendo assim, em atividades posteriores realizadas pelo PIBID e pelos Estágios Supervisionados no IEEAB, sentiu-se a necessidade de inserir o Instituto como núcleo de ação do projeto.

A proposta seguiu o seu delineamento metodológico a partir de três reuniões mensais, sendo: uma virtual, uma presencial no IEEAB e uma presencial na UFPel. As reuniões são organizadas

estrategicamente para ocorrer a cada 15 dias, de forma que uma reunião não interfira na dinâmica planejada para a realização das demais.

No início de cada mês, o grupo do Revitaliza Geo – Assis Brasil realiza o encontro na modalidade virtual, através de uma reunião na plataforma Google Meet. Nessa ocasião, ocorre a organização e o planejamento das ações a serem desenvolvidas no encontro presencial na escola, bem como a elaboração do cronograma de atividades do mês vigente. Para a reunião presencial no IEEAB, os extensionistas se deslocam até o prédio da escola onde realizam as atividades previstas no cronograma e atendem as demandas que surgem involuntariamente no decorrer do processo. Para além das reuniões do grupo Revitaliza Geo – Assis Brasil, também ocorre mensalmente uma reunião presencial na UFPel, com os demais núcleos do projeto, para apresentação das atividades desenvolvidas nas escolas, planejamento de ações e eventuais seminários de leituras.

Durante tais reuniões, as atividades no IEEAB foram planejadas e realizadas com base na seguinte estrutura: identificação dos espaços possíveis a serem revitalizados; definição de uma sala temática; organização do acervo geográfico existente; diagnóstico com estudantes da escola que sugerem temas para a caracterização da sala temática; qualificação do espaço físico da sala temática e planejamento de novas ações.

As primeiras ações do projeto se iniciaram com a identificação dos espaços escolares que poderiam ser revitalizados. Essas ações nos proporcionaram um maior conhecimento da infraestrutura de que a escola dispõe, conhecendo seus ambientes e sua situação atual. Após o reconhecimento dos espaços, o grupo precisou decidir qual seria o local para a transformação do mesmo em uma sala temática e laboratório da Geografia. Na sequência, foi feita a catalogação do acervo geográfico existente, a partir do agrupamento de materiais didáticos que se encontravam dispersos em diversos ambientes da escola. Compreendemos que a falta de um local adequado para esses materiais prejudica a prática docente, uma vez que o professor não tem conhecimento, nem visualização dos materiais disponíveis na instituição.

Para definir os temas de personalização da sala temática, foi elaborado um breve questionário e aplicado com os estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais. Na oportunidade, foi solicitado que os mesmos indicassem uma temática da Geografia a qual pudesse ser abordada na caracterização da sala. As ações subsequentes dizem respeito à qualificação do espaço físico, onde a sala foi organizada com os materiais catalogados, caracterizada e planejada a partir das

respostas obtidas por meio da aplicação do questionário diagnóstico. Também, destaca-se que outras ações foram planejadas no decorrer do percurso metodológico, sendo resultantes da fusão de ideias e de novas necessidades que surgiram durante a execução do projeto.

Este segmento metodológico tem nos permitido desenvolver a proposta da criação da sala temática, fomentar a elaboração de recursos didáticos voltados ao ensino da Geografia, além de proporcionar a aproximação de ideias de autores que discutem a importância da infraestrutura escolar, como as salas temáticas de Geografia no processo de ensino-aprendizagem.

3 – A Geografia Escolar em defesa de uma sala temática

A Geografia escolar, enquanto dimensão pedagógica da Geografia e como campo de pesquisa, tem se transformado ao longo do tempo, afastando-se de abordagens descritivas e focando-se em uma perspectiva crítica e reflexiva sobre o espaço geográfico. Por meio do estudo das dinâmicas espaciais, ela permite que os alunos compreendam as interações entre o meio físico e as atividades humanas, e como essas relações moldam o território e influenciam a sociedade.

No entanto, até o século XX, a Geografia era predominantemente orientada por uma abordagem tradicional, caracterizada pela descrição e classificação dos elementos naturais e humanos do território. Essa perspectiva, conforme destaca Copatti (2024), era empírica e descritiva, sem considerar as relações complexas entre o ser humano e a natureza. Tal opção de abordagem restringia o potencial da Geografia como ferramenta de reflexão, visto que os alunos eram apenas receptores de informações, sem a oportunidade de questionar ou contextualizar o conteúdo de maneira mais ampla.

Diversos autores (Callai, 2011; Cavalcanti, 2013; Copatti, 2024), vem discutindo as transformações no ensino da Geografia ao longo do tempo, ressaltando a transição de uma Geografia que antes era centrada no papel do professor, para uma abordagem focada no professor enquanto mediador e o aluno enquanto sujeito participante nos processos de ensino e aprendizagem. A partir desse novo paradigma, a Geografia busca construir o conhecimento junto com os estudantes, fundamentando-se na realidade na qual estão inseridos, promovendo a reflexão crítica e incentivando-os a questionar, analisar e interpretar o mundo ao seu redor.

Nesse sentido, Cavalcanti (2013, p. 129), pontua que “a Geografia na escola deve estar, então, voltada para o estudo de conhecimentos cotidianos, trazidos pelos alunos e para seu confronto com o saber sistematizado que estrutura o raciocínio geográfico”. Dessa forma, permite-se que

os estudantes compreendam o território não apenas como um espaço físico, mas como um contexto social, cultural, econômico e político. É considerando o caráter analítico da ciência geográfica que compreendemos a escola enquanto espaço da prática docente e como um território envolto por questões sociais, culturais e políticas. Também entendemos que a infraestrutura escolar pode ser o reflexo da ação desses agentes no espaço e que um ambiente educativo que não oferece um espaço propício para o ensino, deixa de promover conforto, segurança e faz com que o estudante não seja estimulado ao aprendizado.

Em estudo de Soares Neto et al. (2013), os autores ressaltam que mais de 44% das escolas da educação básica do país contam com uma infraestrutura escolar com apenas água, sanitário, energia, esgoto e cozinha. Além disso, eles salientam que apenas 0,6% das escolas de educação básica são consideradas adequadas, ou seja, proporcionam aos estudantes uma infraestrutura capaz de atingir os propósitos de uma educação de qualidade.

Nesse sentido, Candau (2016) frisa que a infraestrutura escolar pode ser um elemento de exclusão ou inclusão no ambiente educacional, especialmente para alunos de grupos marginalizados, como estudantes de baixa renda, pessoas com deficiência, minorias étnico-raciais, entre outros. De acordo com seu ponto de vista, a falta de infraestrutura adequada nas escolas agrava as desigualdades sociais, reforçando barreiras ao aprendizado e à integração.

Sob outro viés, também há de se salientar que a infraestrutura é um dos temas que está intimamente ligado ao complexo ato de professorar, pois conforme esclarecem Carlos; Spironello (2024, p. 8):

[...] há um entendimento de que a infraestrutura condiciona a atuação dos docentes, bem como seus encaminhamentos pedagógicos. Esse entendimento encontra-se em um campo amplo e complexo para discussões, pois a ele estão vinculadas políticas públicas, recursos destinados à educação básica e desempenho escolar.

Embora observemos que há uma correlação entre a infraestrutura escolar e o desempenho dos estudantes, é notável que a infraestrutura se situa como sendo um dos desafios do professor e dos demais profissionais da educação que buscam, de alguma forma, tentar suprir os cortes de investimentos das políticas públicas educacionais. Estudos, como de Lamosa (2014) e Mezarobba (2017), confirmam que é em meio à falta de investimentos, à precarização do trabalho docente e às condições de infraestrutura das escolas públicas que ocorre a inserção de

empresas privadas. Entretanto, para contornar tal situação, reforçamos a necessidade de uma gestão escolar autônoma e democrática. Lück (2013, p. 19), que aborda os processos democráticos de gestão educacional destaca: “[...] estão postos em contínuo debate na educação brasileira e fazem parte de um grande movimento pela democratização das instituições educacionais e dos serviços que prestam”, incluindo diretamente a manutenção da infraestrutura escolar”.

Pensar as estruturas escolares é pensar em um ensino articulado, comprometido e alinhado com as finalidades pedagógicas que alicerçam o que compreendemos como escola (Libâneo; Oliveira; Toschi, 2003; Young, 2007). Com base nisso, concordamos com Carlos; Spironello (2024, p. 8), autores que reforçam a premissa de que um espaço minimamente organizado, “[...] com prédios e instalações adequadas, com a existência de bibliotecas, [...] laboratórios, mapotecas, livros didáticos, entre outros, são elementos que influenciam diretamente e positivamente as ações de ensino e aprendizagem nas escolas”.

É nesse contexto que projetos educativos inovadores, como os ambientes de aprendizado interativos e temáticos, representam uma abordagem eficaz para pensar as relações dos estudantes com o ensino e com a escola. Esses espaços são dedicados ao aprendizado prático e à interdisciplinaridade, enriquecendo o processo formativo, tornando o ensino mais acessível, estimulando a curiosidade, a participação dos alunos e tornando-os protagonistas de seu aprendizado. Atrelando isso ao Ensino da Geografia, as salas temáticas facilitam a compreensão de conceitos geográficos de maneira mais significativa. Sob esse olhar, Queiroz e Oliveira (2019, p. 363) observam que a construção desses espaços educativos é um processo metodológico abrangente:

A sala temática como proposta metodológica para o ensino de Geografia tem um resultado triplo: o primeiro é a produção de materiais para compor o ambiente; o segundo é a experiência do visitante; o terceiro é a aprendizagem do aluno ao pesquisar, confeccionar e apresentar sua criação.

Nessa perspectiva, acreditamos que o uso dos recursos didáticos nessa atmosfera criada pelo ambiente temático instiga os sentidos dos alunos na exploração visual, textural, entre outros elementos que remetem ao sentimento de pertencimento enquanto indivíduo. As salas temáticas conformam, além de um espaço físico composto por elementos e materiais pedagógicos, um espaço de vivência para o aluno compreender que ele é o agente principal desse processo, no

qual ele se sinta confortável em participar e dialogar a partir de suas vivência e compreensão de mundo em seu entorno.

Queiroz e Oliveira (2019) ainda salientam que a sala de aula temática facilita a compreensão de conceitos geográficos de maneira mais significativa, já que o contexto proporcionado por esses espaços permite uma interação ampla e integrada com os conteúdos. As autoras defendem que esses ambientes incentivam a criação de processos metodológicos de ensino e aprendizagem amplos, abrangendo desde a produção de materiais até a experiência adquirida ao frequentar a sala. Além disso, comentam que os alunos desenvolvem habilidades para resolver problemas e pensar criticamente sobre questões geográficas complexas, como mudanças climáticas, urbanização e preservação ambiental.

Vale ressaltar que projetos como a sala temática, por exemplo, também incentivam a pesquisa e a colaboração entre os alunos, viabilizando que aprofundem seus conhecimentos sobre a ciência geográfica e explorem a Geografia local, valorizando a diversidade cultural e econômica da região onde a escola está inserida. Como explica Mendes et al. (2022, p. 5):

[...] o trabalho coletivo é extremamente importante para que todos os componentes sejam os protagonistas em compartilhar as sugestões e decisões que são tomadas e todos são responsáveis pela qualidade do que é produzido em conjunto, conforme suas potencialidades, possibilidades e interesses.

Resolver problemas e pensar criticamente são fundamentais não apenas para o aprendizado escolar, mas também para a formação do pensamento e raciocínio geográfico, bem como para a construção da cidadania (Cavalcanti, 2024). De acordo com Pinheiro e Pinheiro (2020, p. 820), novas formas e ambientes de ensino “[...] passam a incitar o aluno para a procura do conhecimento, através de pesquisa e experimentos, beneficiando a evolução de criatividade e raciocínio crítico”.

Diante do que vem sendo discutido até o presente momento, identificamos que existem nuances que envolvem o fazer docente, mais especificamente, do professor de Geografia. Há o reconhecimento de que “[...] a prática educativa remete, frequentemente, ao processo ensino-aprendizagem, que se reporta, sobretudo, à ação didática” (Castellar, 2015, p. 51). Esse tipo de ação é influenciado pelos fatores contextuais e pedagógicos (da escola, do professor e do aluno). Nesse sentido, cabe a reflexão: como o projeto de extensão Revitaliza-Geo pode contribuir para

a melhoria do cotidiano escolar de alunos e professores, abrangendo tanto o ensino quanto a aprendizagem?

Primeiramente, evidenciamos a necessidade da busca por uma educação cidadã, considerando que os processos educacionais se efetivam contextualmente a partir das experiências sociais, culturais e históricas dos sujeitos que a compõem, buscando, também, o acréscimo de diferentes perspectivas e possibilidades educacionais. Castellar e Paula (2020, p. 298) destaca tal afirmação ao dizer que:

[...] para desenvolver os conteúdos há necessidade de estratégia, procedimentos, práticas pedagógicas que garantam o sentido e significado deles. Desse modo, entendendo que as práticas podem, para além das aulas discursivas, assumir um ensino que seja investigativo a partir de processos e métodos que possibilitem as aplicações conceituais para explicar a realidade.

Com base nas contribuições da autora, notamos que diferentes dimensões influenciam os processos em torno do conhecimento. O ensinar Geografia deve estar ancorado sobre a rocha sólida do contexto socioespacial, uma vez que se tem claro que os alunos são sujeitos que agem e interagem com e no espaço, e que ele - o espaço - é envolto de elementos culturais, sociais e políticos os quais influenciam as suas ações - suas práticas socioespaciais.

Para contribuir significativamente na formação dos sujeitos da educação básica, podemos avançar em diferentes níveis de atuação, buscando compreender as variáveis que englobam a complexidade do fazer docente e almejar caminhos que fortaleçam o aprendizado geográfico. Uma das possíveis frentes de ação é trabalhar conjuntamente aos professores da educação básica, por meio do estabelecimento de parcerias em projetos como o PIBID, na perspectiva de uma formação inicial e contínua.

Nesse sentido, compreendemos que o desenvolvimento de materiais e recursos didático-pedagógicos pode ser apontado como um campo a ser explorado, pois inúmeras escolas públicas apresentam carência na disponibilidade de materiais didáticos que possam ser significativos para a construção do conhecimento geográfico, ao serem utilizados pelos professores. E foi considerando esses e outros aspectos já mencionados, que nos inserimos no IEEAB, buscando contribuir com a qualificação dos espaços físicos, com a organização de uma sala temática e a elaboração de materiais didáticos.

4 – Por uma sala temática para o Ensino de Geografia

A presente seção irá abordar detalhadamente as etapas do projeto Revitaliza-Geo, trazendo destaque a identificação, reestruturação e elaboração de materiais didático-pedagógicos para a criação da sala temática de Geografia, no IEEAB. As atividades realizadas na escola resultaram de uma série de reuniões que o núcleo do IEEAB realizou para planejar, organizar e definir quais seriam os procedimentos metodológicos a serem adotados, de modo que viessem a contemplar o objetivo do projeto. O encadeamento prático da ação de revitalização foi elencado sistematicamente no quadro 01, sendo organizado na sua estrutura por etapas e detalhamento das atividades.

Quadro 01: Atividades realizadas no projeto Revitaliza Geo-Assis Brasil

Etapas	Atividade
01	Identificação dos espaços possíveis a serem revitalizados: <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento dos espaços escolares e mapeamento das salas para revitalização.
02	Definição de uma sala temática: <ul style="list-style-type: none"> • Escolha da sala para ser revitalizada; • Demandas de reparos necessários.
03	Organização do acervo geográfico existente: <ul style="list-style-type: none"> • Mapeamento de materiais e recursos didáticos da Geografia presentes na escola; • Catalogação de materiais; • Limpeza e reparo em materiais.
04	Diagnóstico para a sugestão de temáticas para a sala: <ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa com os alunos do Ensino Fundamental; • Análise das respostas obtidas.
05	Qualificação do espaço físico: <ul style="list-style-type: none"> • Organização inicial da sala; • Organização das mesas para uso dos alunos; • Fixação do suporte dos mapas;

	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação do ambiente; • Pintura nas paredes da sala.
06	Planejamento de novas ações: <ul style="list-style-type: none"> • Criação de oficina pedagógica sobre Sistema Solar; • Evento “Geografia convida: (Mostra de) Estratégias didático-pedagógicas para o ensino na Educação Básica”

Elaboração: Os autores (2024).

Inicialmente, o grupo de extensionistas fez a identificação dos espaços possíveis para a revitalização. Assim sendo, visitamos todos os espaços da escola, buscando definir um lugar para agrupar os materiais didáticos da Geografia. Nas diversas visitas à escola, foi identificada uma antiga sala de informática, a qual estava sem uso. Após o grupo entrar em consenso, ficou que esse seria o melhor espaço para torná-lo uma sala temática da Geografia. Desse modo, encaminhamos o pedido da sala à direção do IEEAB, a qual deferiu.

Nesse movimento de identificação dos espaços escolares, foram encontrados diversos materiais didáticos que estavam à mercê do tempo. Dentre eles, destacamos uma mapoteca, com aproximadamente 60 mapas, que foram encontrados em uma sala sem uso há mais de cinco anos. Dentre os mapas restaurados e catalogados, foram encontrados mapas históricos (como mapas da Idade Média, Grécia antiga), mapas físicos e políticos (mapas regionais, nacionais e mapa mundi). Também foram encontrados globos terrestres, coletâneas de cartas topográficas do Rio Grande do Sul e um telúrio astronômico (simulador dos movimentos de rotação e translação). Diante dessa situação, constatamos que muitos dos materiais estavam sujos e com defeitos, necessitando de limpezas e reparos. Após os cuidados necessários, os mesmos passaram a compor o acervo geográfico da sala temática.

Na sequência, o grupo realizou uma atividade de pesquisa com os alunos dos Anos Finais (6º ao 9º ano), tendo por objetivo verificar os interesses dos estudantes por temas geográficos que poderiam caracterizar o ambiente da Geografia. A pergunta mobilizadora foi a seguinte: “Quais temáticas estudadas no componente de Geografia vocês gostariam de que estivessem

‘decorando’ a nossa sala temática?’. A partir desse questionamento, as respostas mais obtidas foram: sistema solar, urbanização, mapas, camadas da terra, natureza e oceanos.

Já no que tange à organização da sala, o grupo se articulou em duas frentes de ação: um grupo estrutural, que realizava os reparos necessários, como a organização das mesas para uso dos alunos, fixação do suporte dos mapas e disposição da mobília; e um grupo didático, que ficou encarregado de caracterizar o ambiente, realizar pintura artística e temática nas paredes da sala e planejar a realização de atividades pedagógicas (oficinas) e elaboração de recursos didáticos. As atividades realizadas até o momento podem ser observadas na figura 01.

Figura 1. Registros de atividades desenvolvidas pelo Revitaliza Geo-Assis Brasil - 1) Reconhecimento dos espaços e encontro da mapoteca abandonada; 2) Higienização, revitalização e catalogação dos mapas - 2024.



Fonte: Os autores, 2024.

Com base na Figura 1, podemos observar dois momentos de uma prática de revitalização de mapas encontrados na escola. Essa prática surge a partir do primeiro trimestre de 2024 (enquanto pertencentes ao grupo PIBID Geografia) que, durante as visitas pela escola na busca por materiais didáticos, encontramos em uma antiga sala de áudio e vídeo abandonada (imagem 1), um acervo de mapas e materiais didáticos. Nesse contexto, reconhecendo a escassez e dificuldade para aquisição de produtos cartográficos pelas escolas, foram coletados todos os mapas que estavam na sala. Os materiais estavam sem uso há algum tempo, necessitando, assim, de uma higienização (imagem 2). Para isso, o grupo foi dividido em setores

como: separação, catalogação, limpeza, identificação de materiais danificados e materiais que poderíamos reparar, para, desse modo, após a organização do material efetuar o armazenamento em local adequado para serem utilizados, em sala de aula, pelos professores.

O impacto dessa ação vai além da simples organização de materiais, pois contribui diretamente para a melhoria da infraestrutura pedagógica da escola. Com a organização e a valorização de materiais didáticos para o processo de ensino e aprendizagem, como esse novo espaço contendo uma mapoteca, os professores terão à disposição um acervo importante, o qual poderá ser utilizado em atividades de ensino, proporcionando aos alunos um aprendizado mais dinâmico e visual.

Destacamos, também, que a relevância de tais materiais didáticos é ainda maior para o ensino de Geografia, uma vez que os mapas são compreendidos como uma das ferramentas utilizadas pelos geógrafos na análise e interpretação espacial. Nesse sentido, é a partir da utilização dos mapas no processo de ensino e aprendizagem de Geografia que podemos pensar no desenvolvimento de “práticas que possibilitem aos alunos a ler, analisar, interpretar, representar e pensar sobre o espaço” (Richter; Vega, 2019, p. 53).

De forma colaborativa, o grupo dedicou tempo para planejar a disposição das bancadas e armários, com o objetivo de otimizar o espaço de forma funcional e confortável. Esse planejamento considerou não apenas a organização física do ambiente, mas também a melhoria da circulação dos alunos no espaço. Logo, os mapas foram posicionados em uma altura acessível, permitindo que os estudantes pudessem visualizá-los e utilizá-los com maior facilidade durante as atividades. Como nessa sala já havia um armário antigo de madeira, foi possível aproveitar para armazenar materiais de uso comum para as aulas, como canetas, lápis, borracha, réguas, cartolinas, folhas de ofício, material de recorte, maquetes e livros didáticos e paradidáticos de Geografia. Nessa etapa, contamos com o apoio da escola, que forneceu os materiais necessários para as novas instalações na sala.

Na Figura 2, observamos as primeiras intervenções na sala temática: escolha do melhor espaço para a fixação da mapoteca na parede (Imagem 4), organização das bancadas de estudo e disposição do armário.

Figura 2. Registros de atividades desenvolvidas pelo Revitaliza Geo-Assis Brasil - 3) Primeiras ações de revitalização da sala selecionada; 4) Instalação da mapoteca na nova sala - 2024.



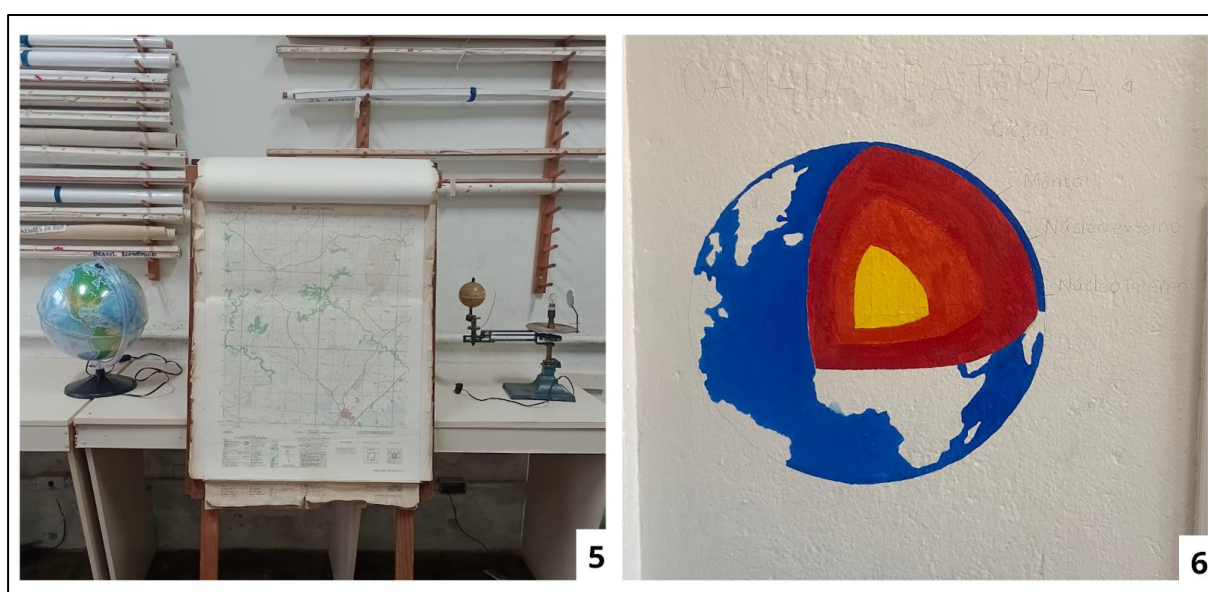
Fonte: Os autores, 2024.

Na Figura 3, referente à organização da sala temática, podemos observar alguns dos exemplares de materiais didáticos e cartográficos que fazem parte do acervo (Imagem 5), bem como o início da decoração das paredes do espaço em foco com figuras que remetem aos conteúdos que os alunos indicaram e que irão estudar, como por exemplo, as camadas da Terra (Imagem 6). Sendo assim, na perspectiva de valorizar as opiniões dos estudantes com essa ação, criamos os primeiros laços de pertencimento dos mesmos com a sala temática da Geografia.

Como já foi mencionado neste texto, a proposta de revitalização dos espaços e a organização de uma sala temática de Geografia transcendem a mera reorganização do espaço físico, implicando uma mudança significativa na abordagem pedagógica, com um forte impacto na dinâmica de ensino e aprendizagem, especialmente em relação aos conteúdos de Geografia Física, que são mais densos. Tradicionalmente, a sala de aula é caracterizada por um modelo expositivo e centrado no professor, no qual a prática pedagógica se dá por meio de aulas expositivas, geralmente realizadas de forma linear, no qual o aluno assume um papel passivo. Essa estrutura, embora amplamente utilizada, limita a possibilidade de um aprendizado mais aprofundado e experiencial, especialmente em componentes curriculares que exigem uma compreensão concreta dos fenômenos estudados, como a Geografia.

A título de exemplo, destacamos novamente a imagem 6, a qual aborda as camadas da Terra. Em nosso entendimento, a visualização das camadas da Terra torna-se mais eficaz quando representada de forma gráfica e interativa, permitindo que os alunos compreendam melhor a disposição da crosta, manto, núcleo externo e núcleo interno, assim como os processos que ocorrem em cada uma dessas camadas. Da mesma forma, ao trazer mapas topográficos, como ilustrado na imagem 5, os alunos podem estudar o relevo, a hidrografia e a distribuição de fenômenos naturais, tendo a possibilidade de manusear os materiais disponíveis nesse acervo.

Figura 3. Registros de atividades desenvolvidas pelo Revitaliza Geo-Assis Brasil - 5) Alguns materiais do acervo geográfico: globo, cartas topográficas e telúrio astronômico (E/D); 6) Primeiras ações de personalização da sala - 2024.



Fonte: Os autores, 2024.

Cabe ressaltar que, ao situar esses itens em uma sala da Geografia, eles passam a fazer parte da caracterização da sala, uma vez que o globo e os mapas, por exemplo, são considerados a marca registrada da ciência geográfica. Ademais, compreendemos que a sala temática de Geografia é o lugar ideal para situar esses recursos, visto que os mesmos passam a estar inseridos em um contexto de aprendizagem no qual seu uso é imprescindível, uma vez que os materiais cartográficos, como os mapas e as cartas topográficas, “[...] contribuem para a formação de um raciocínio ou consciência espacial porque permitem ao educando localizar-se, orientar-se, ler, interpretar a paisagem e espacializar ou representar análises e sínteses geográficas [...]” (Moraes, 2003, p. 2).

Com base no que foi apontado até aqui, corroborando com as ideias de Callai (2007, p. 58), podemos afirmar: “a geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento”.

Como parte da construção desta caminhada e no intuito de socializar ações de ensino e extensão que são desenvolvidas nas escolas, foi oportuno desenvolver um evento local, aberto a professores e alunos de instituições superiores e educadores do ensino básico de Pelotas-RS, denominado: “Geografia convida: (Mostra de) Estratégias didático-pedagógicas para o ensino na Educação Básica”. Na ocasião, ocorreu uma exposição dos recursos didáticos elaborados pelo projeto de extensão, bem como vinculados a projetos de ensino e atividades didático-pedagógicas das escolas, contando com professores e alunos de diferentes áreas do conhecimento, como História, Artes Visuais, Pedagogia e Arquitetura. O encontro foi muito bem recebido pelos acadêmicos da Geografia e professores da rede estadual e municipal de Pelotas, pois abriu espaço de trocas de experiências do fazer docente, entre professores de diferentes níveis de ensino, instituições e estudantes das licenciaturas.

Todas essas oportunidades dão visibilidade às ações e intervenções realizadas no espaço escolar, buscando valorizar o trabalho docente, possibilitando aos alunos da rede básica de ensino uma aproximação maior com a escola e promovendo a sensação de pertencimento.

5 – Considerações finais

Foi na busca de uma formação que transite entre a teoria e a prática de forma dialógica e complexa, que chegamos ao projeto Revitaliza-Geo, por acreditarmos que podemos contribuir para novas práticas pedagógicas, através da mobilização para a criação de uma sala temática e da construção de materiais didáticos para o ensino de Geografia.

A revisão bibliográfica realizada nos mostrou que a falta de uma infraestrutura adequada para o processo de ensinar e aprender ainda é uma realidade em muitas escolas públicas brasileiras. Também corroborou para reforçar a ideia de que a gestão escolar deve estar aberta ao diálogo com todos que fazem parte da comunidade escolar, como no caso do IEEAB, que acolheu a proposta vinda dos acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas. Os autores destacaram também a preocupação com a busca de alternativas aos desafios da carência material e, muitas vezes, humana nas escolas. Já, sobre as questões relativas ao exercício da docência em

Geografia, com o auxílio de uma sala temática que reúna os materiais didáticos necessários, todos os autores evidenciaram o potencial da sala temática no processo de ensino-aprendizagem, seja por despertar no estudante um sentimento de pertencimento à escola, seja por ela proporcionar aulas mais instigantes por conta dos recursos didáticos nela presentes. Compete lembrar que o professor de Geografia tem o dever, em sua prática docente, de não isolar o conhecimento cartográfico do conhecimento geográfico e, nesse sentido, a sala temática torna-se um recurso de grande valor.

O artigo teve por objetivo servir de inspiração aos seus leitores para que se sintam motivados a participarem da gestão de suas escolas, a proporem soluções para os problemas ligados à infraestrutura escolar, como a falta de uma sala temática a qual possa servir de exemplo para aqueles que acreditam numa transformação da sociedade através da educação.

De modo geral, o presente projeto de extensão, até o momento, avançou nas seguintes frentes: organização dos materiais que podem ser utilizados nas aulas de Geografia; reforma e qualificação do espaço físico da sala temática de Geografia; planejamento e coordenação de oficina pedagógica e evento “Geografia convida: (Mostra de) Estratégias didático-pedagógicas para o ensino na Educação Básica”. Dessa forma, o projeto em desenvolvimento visa promover um processo de ensino-aprendizagem significativo para os alunos da educação básica do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, evidenciando a relevância de metodologias ativas e múltiplas linguagens.

As experiências desenvolvidas até o momento e aqui relatadas demonstram que estamos no caminho certo, atuando como agentes de mudança dentro da escola e da sociedade, promovendo um ambiente de ensino que valorize a diversidade, a inclusão e o diálogo com as realidades sociais e culturais dos estudantes. Além disso, buscamos lançar um olhar para a prática docente, por entendermos que esta não se restringe à sala de aula, mas, que deve criar espaços de debates para a emergência de novos discursos e práticas alternativas capazes de desafiar e ao mesmo tempo, ressignificar o espaço escolar, os conteúdos e metodologias.

Referências

CANDAU, V. M. F. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa**, FapUNIFESP, v. 46, n. 161, p. 802-820, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/198053143455>.

CARLOS, L. C.; SPIRONELLO, R. L. Docência e ingerência da infraestrutura escolar: testemunho de uma experiência de estágio em Geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 28, p. 1-22, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236499487685>.

CASTELLAR, S. M. V. A Formação de Professores e o Ensino de Geografia. **Terra Livre**, v. 1, n. 14, p. 51-59, 2015. DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.1999.374.

CASTELLAR, S. M. V.; PAULA, I. R. O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 294-322, 2020. DOI: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i19.922>.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Ed. Papirus, 2013. 192p.

CAVALCANTI, L. S. **Ensinar e aprender Geografia**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2024.

CALLAI, H. C. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (Org.). **Geografia em sala de aula -práticas e reflexões**. 5ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS- AGB, 2007, v.1, p. 57-63.

CALLAI, H. C. La geografía escolar y los contenidos en geografía. **Anekumene**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 128-139, 2011. DOI: <https://doi.org/10.17227/Anekumene.2011.num1.7097>.

COPATTI, C. Geografia(s) Escolar(es) que aprendemos e que fazemos: possibilidade de resistência pelo pensamento pedagógico-geográfico de professor. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 14, n. 24, p. 05-19, 2024. DOI: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v14i24.1417>.

GARCIA, P. S. Um estudo de caso analisando a infraestrutura das escolas de ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 9, n 23, p. 137-159, 2014. Disponível em: https://app.utp.br/cadernosdepesquisa/pdfs/cad_pesq_23/art_7.pdf. Acesso em: 24 de maio de 2025.

LAMOSA, R. A. C. **Estado, classe social e educação pública no Brasil: uma análise crítica da hegemonia do agronegócio**. Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://ppge.educacao.ufrj.br/Teses2014/trodrigolamosa.pdf> Acesso em: 28 de maio de 2025.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização**. São Paulo: Cortez, 2003, 477 p.

LIMA, V. A.; SPIRONELLO, A. L. ; SPIRONELLO, R. L.. Cartografia do sensível: Os mapas mentais como linguagem no processo de representação espacial. **Estrabão**, v. 4, p. 483-491, 2023. DOI: <https://doi.org/10.53455/re.v4i1.187>.

LÜCK, H. **Concepções e Processos Democráticos de Gestão Educacional**. 9º. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 135p.

MENDES, L. L. S. *et al.* Estratégias de ensino-aprendizagem nas salas ambientes. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 1- 8, 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/3/estrategias-de-ensino-aprendizagem-nas-salas-ambientes>. Acesso em: 28 de maio de 2025.

MEZAROBBA, G. **Imperialismo e educação: a relação entre a educação pública e as fundações e institutos empresariais no Brasil (1990-2014)**. Universidade Tuiuti do Paraná. Tese (Doutorado), Curitiba, 2017, 406p. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/handle/tede/1730>. Acesso em: 28 de maio de 2025.

MORAES, L. B. de. **A utilização de mapas no ensino de Geografia**. In: I EDIPE – ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. Goiânia, 30 de novembro a 2 de dezembro de 2003. Anais I EDIPE- Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino. Goiânia: EDIPE/UFG/UEG/UCG/AEE/CEPED. p. 1- 13. Disponível em: https://cepedgoias.com.br/edipe/Iedipe/Gt7/1-a_utilizacao.htm. Acesso em: 28 de maio de 2025.

PINHEIRO, M. D. S. L. B.; PINHEIRO, A. B. M. As novas metodologias de ensino e a formação docente. **Pensar Acadêmico**, v. 18, n. 4, p. 811-829, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21576/pa.2020v18i4.1945>.

QUEIROZ, G. A.; OLIVEIRA, D. P. A. Pensar e fazer geografia: a sala temática como estratégia metodológica para o aprendizado significativo no processo de formação docente. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 9, n. 17, p. 357-367. 2019. DOI: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v9i17.577>.

RICHTER, D; VEGA, A. G. O mapa no ensino de geografia: uma análise do trabalho docente em Madrid (Espanha) e em Goiânia (Brasil). *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 46 - 65. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5216/ag.v13i3.60860>

SILVA, A. S. Sentimentos de pertencimento e identidade no ambiente escolar. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 8, n. 16, p. 130–141, 2019. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/535>. Acesso em: 28 de maio de 2025.

SOARES NETO, J. J. *et al.* Uma escala para medir a infraestrutura escolar. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 24, n. 54, p. 78-99, 2013. DOI: <https://doi.org/10.18222/ae245420131903>.

YOUNG, M. Para que servem as escolas? **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 28, n. 101, p. 1287-1302, dez. 2007. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <https://doi.org/10.1590/s0101-73302007000400002>.